

UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS E INTERNACIONAIS: DOS ASPECTOS BIOLÓGICOS AO ESTILO DE VIDA

Sádia Carine Cardoso de Pinho Brandão¹, Ana Caroline Rocha de Melo Leite²

RESUMO

No contexto do estilo de vida, jovens que vivenciam o processo de transição entre o ensino médio e o superior tornam-se mais vulneráveis a mudanças, como consequência de seus questionamentos sobre valores, crenças e atitudes instituídos pela família. O estudo objetivou determinar e associar aspectos biológicos, demográficos e econômicos com o estilo de vida de estudantes brasileiros e internacionais recém-ingressos em uma universidade de cunho internacional. Trata-se de estudo exploratório, descritivo e quantitativo, conduzido com estudantes brasileiros e internacionais iniciando o 1º semestre dos cursos de graduação. Após aplicação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), foi preenchido um questionário, contendo perguntas relacionadas a aspectos biológicos, demográficos e econômicos e estilo de vida. Os dados obtidos foram devidamente analisados. Dos 131 universitários, 62,6% eram do sexo masculino, 77,1% eram brasileiros e 16,0% eram guineenses. Do total de participantes, 70,0% dos universitários internacionais e 43,6% dos brasileiros praticavam atividade física. Uma grande parcela dos estudantes internacionais jogava futebol e 29,5% dos estudantes brasileiros faziam musculação. A maioria dos pesquisados não fumava. Dos participantes, 63,4% dos universitários brasileiros e 50,0% dos internacionais não tinham esse hábito de fumar. Houve uma associação significativa entre ser universitário brasileiro maior de 18 anos e não praticar atividade. Conclui-se que a maior prevalência de estudantes brasileiros e guineenses, jovens e solteiros foi acompanhada por um estilo de vida adequado, especialmente entre os estudantes internacionais. Entretanto, entre os brasileiros maiores de 18 anos, a prática de atividade física foi insatisfatória.

Palavras-chave: Universidades. Estilo de vida. Estudantes.

BRAZILIAN AND INTERNATIONAL UNIVERSITIES: FROM BIOLOGICAL ASPECTS TO LIFESTYLE

ABSTRACT

¹ Graduando em Bacharelado em Enfermagem pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Ciências da Saúde, e-mail: brandao.sadia@gmail.com

² Docente do curso de Bacharelado em Enfermagem da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Ciências da Saúde, e-mail: acarolmelo@unilab.edu.br

In the context of the lifestyle, young people who experience the transition process between high school and higher education become more vulnerable to change as a consequence of their questions about values, beliefs and attitudes instituted by the family. The study aimed to determine and associate biological, demographic and economic aspects with the lifestyle of Brazilian and international students recently admitted to an international university. This is an exploratory, descriptive and quantitative study, conducted with Brazilian and international students, beginning the 1st semester of undergraduate courses. After application of the Free and Informed Consent Kit (TCLE), a questionnaire was filled out, containing questions related to biological, demographic and economic aspects and lifestyle. The data obtained were duly analyzed. Of the 131 university students, 62.6% were male, 77.1% were Brazilian and 16.0% were Guinean. Of the total number of participants, 70.0% of international students and 43.6% of Brazilians practiced physical activity. A large proportion of international students played soccer and 29.5% of Brazilian students did bodybuilding. Most of the respondents did not smoke. Of the participants, 63.4% of Brazilian university students and 50.0% of international students did not have this habit. There was a significant association between being a Brazilian university student over 18 years of age and not practicing activity. It is concluded that the higher prevalence of Brazilian and Guinean students, young and single, was accompanied by an adequate lifestyle, especially among international students. However, among Brazilians over 18 years of age, the practice of physical activity was unsatisfactory

Keywords: Universities. Lifestyle. Students.

INTRODUÇÃO

Considerado como assunto prioritário entre as políticas públicas atuais, especialmente no âmbito da saúde (Madeira et al., 2018), o estilo de vida é definido como um conjunto de hábitos e costumes que são influenciados, modificados, encorajados ou inibidos pelo prolongado processo de socialização. Particularmente, esses hábitos e costumes compreendem o consumo de alimentos e produtos, como álcool, fumo, café ou chá, e prática de exercício (World Health Organization- WHO, 2004). Entretanto, esse conceito tem sido alvo de críticas, já que, para alguns autores, aspectos sociais, incluindo o modelo econômico e cultural, globalização e homogeneização dos comportamentos influenciam o estilo de vida (Madeira et al., 2018).

Nesse contexto, comportamentos relacionados ao estilo de vida, como nutrição adequada, prática de atividade física, instituição de atitudes preventivas, presença de suporte social e controle do estresse, são tidos como fatores que interferem na saúde do indivíduo. Nesse âmbito, vale ressaltar que grande parte do estilo de vida do ser humano é estabelecida na adolescência e que fatores a ele associados podem ser incorporados na juventude, particularmente pelo jovem que vivencia o processo de transição entre o ensino médio e o superior, momento em que valores,

crenças e atitudes instituídos pela família são questionados (Silva, 2011; Brito; Gordia; Quadros, 2016).

Dentre os elementos que compõe o estilo de vida do indivíduo, o consumo de álcool se destaca como hábito particularmente relevante entre os jovens que ingressam na Universidade, momento em que eles estão mais vulneráveis a situações de risco social, como o consumo de substâncias psicoativas (Lorant et al., 2013). A sua importância para esse público não se restringe a sua contribuição com a elevação do número de mortes em acidentes de trânsito, mas compreende também o seu envolvimento em atos de violência, relação sexual sem proteção e desenvolvimento de patologias (WHO, 2014). Essas últimas podem acometer órgãos específicos, repercutindo frequentemente sobre a saúde geral, e, em menor proporção, a saúde bucal, por promover irritação da mucosa oral e favorecer o desenvolvimento do processo carioso e doenças periodontais. De fato, o indivíduo alcoolizado pode negligenciar a sua higiene oral, contribuindo para a formação da placa bacteriana e, conseqüentemente, o surgimento de doenças bucais (Marques et al., 2015).

À semelhança da ingestão de álcool, o consumo de derivados do tabaco se sobressai entre os universitários, fato evidente no comportamento adotado pela indústria do tabaco, ao considerá-los como consumidores promissores (Rodrigues et al., 2008). Além do mercado capitalista, colaboram ainda, para a instituição e estabelecimento desse hábito entre os acadêmicos, o estresse, família, amigos e mídia (Salazar-Torres et al., 2010). Contudo, independentemente do (s) fator (s) desencadeador (s), o hábito de fumar deve ser evitado por ser ele a maior causa de morte, por desencadear diferentes e importantes doenças crônicas (Guerra et al., 2017). Assim, diante dessa realidade, os governos têm instituído medidas de controle e prevenção dessa prática (Instituto Nacional de Câncer – INCA, 2014).

No que diz respeito ao exercício de atividade física, sua importância tem sido vinculada à prevenção, proteção e tratamento de inúmeras doenças, como hipertensão, diabetes, depressão, obesidade e outras. Apesar de seu benefício, no meio universitário, essa atividade tem tido pouca adesão pela sobrecarga de responsabilidades acadêmicas e profissionais (Oliveira et al., 2014). Entretanto, outros fatores também podem contribuir para a redução dessa prática, como: falta de companhia e interesse e condições biológicas, cognitivas, psicológicas, culturais e econômicas desfavoráveis (Nascimento et al., 2017).

Assim, com base no acima exposto, a Universidade da Integração Internacional da

Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) surge como um importante ambiente para o estudo do estilo de vida de universitários brasileiros e internacionais. Especificamente, por meio de seus estudantes recém-ingressos, poder-se-á determinar o modo de vida de jovens de diferentes nacionalidades que vivenciam distintas condições sociais, econômicas e culturais. Dessa forma, o estudo visa determinar e associar aspectos biológicos, demográficos e econômicos com o estilo de vida de estudantes brasileiros e internacionais recém-ingressos na UNILAB, uma universidade federal de cunho internacional.

MÉTODO

Trata-se de um estudo exploratório, descritivo e quantitativo, conduzido com estudantes brasileiros e internacionais da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), no período de fevereiro a abril de 2017. Foram incluídos no estudo universitários brasileiros e internacionais iniciando o 1º semestre dos cursos de graduação presenciais da UNILAB, com sede nos campi da Liberdade e das Auroras e na Unidade Acadêmica dos Palmares, localizados no estado do Ceará. Foram excluídos os estudantes em que o acesso foi impossibilitado. Dessa forma, a amostra foi obtida por meio da técnica de amostragem por conveniência

No início das aulas, em cada sala de aula e de acordo com o curso, o projeto foi apresentado aos estudantes. Tendo sido aceita a participação, foi aplicado e devidamente assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Em seguida, foi preenchido um questionário, contendo perguntas objetivas e subjetivas, abordando os seguintes aspectos: nacionalidade; sexo; idade; estado civil; renda familiar; curso de graduação; escolaridade e profissão dos pais; modalidade e frequência de atividade física; hábito de fumar e frequência; consumo de bebida alcóolica e frequência. O preenchimento do questionário foi realizado em ambiente reservado, com duração média de 30 minutos.

Os dados obtidos foram organizados no *Excel for Windows*, versão 10, e analisados pelo Programa *Epi Info*, versão 7.2.1.0. Foi realizada análise descritiva das variáveis, obtendo-se as frequências absolutas e relativas. Quanto à avaliação das associações entre as variáveis, foram aplicados o teste Qui-quadrado e o teste exato de *Fisher*, adotando-se o nível de significância de 5%.

O presente projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNILAB, sob o

protocolo CAAE 59953716.5.0000.5576 e número do parecer 1.937.092, de 21 de fevereiro de 2017. Foram garantidas a autonomia dos sujeitos e a não maleficência e beneficência da pesquisa, preconizadas na Resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 466, de 12 de dezembro de 2012.

RESULTADOS

Participaram do estudo 131 universitários de diferentes nacionalidades, dos quais 101 eram brasileiros e 30 internacionais. No tocante ao curso, os estudantes se distribuíram da seguinte forma: Enfermagem - 17,6%; - Física - 16,8%; - Matemática - 15,3%; - Engenharia de Energias - 14,5%; - Química - 13,0%; - Biologia - 13,0%. Ainda que em menor quantitativo, participaram da pesquisa universitários dos cursos de Agronomia (2,3%), Letras (1,5%), Bacharelado em Humanidades (5,3%) e Administração Pública (0,7%).

Em relação ao sexo e nacionalidade, os resultados indicaram o predomínio de universitários do sexo masculino (62,6%) e brasileiros (77,1%), seguido por guineenses (16,0%), cabo verdianos (3,0%), angolanos (2,2%) e são-tomenses (1,5%). Embora tenham participado do estudo universitários com faixa etária de 18 a 64 anos, houve um maior quantitativo de participantes com 19 anos (31,0%), entre os brasileiros, e 23 anos (23,3%), entre os internacionais. Quanto ao estado civil, grande parte dos universitários era solteiro, com 70,4% dos estudantes internacionais e 61,7% dos brasileiros apresentando parceira (o) eventual (Tabela 1).

No tocante à escolaridade do pai, 29,7% dos pais dos universitários brasileiros tinham ensino fundamental incompleto, 20,0% dos estudantes internacionais tinham pai com ensino fundamental incompleto e 20% tinham pai com ensino superior completo. Sobre o grau de escolaridade da mãe, 32,3% das mães dos estudantes brasileiros tinham ensino fundamental incompleto e, para as mães dos universitários internacionais, 24,1% delas eram não alfabetizadas e 24,1% tinham ensino médio completo.

No que diz respeito à profissão do pai, 20,9% dos participantes brasileiros e 24,0% dos estudantes internacionais tinham pai agricultor. Em relação à ocupação da mãe, 34,4% e 65,3% das mães dos universitários brasileiros e internacionais eram do lar, respectivamente. Com relação à renda familiar, 48,0% dos estudantes brasileiros e 64,3% dos internacionais tinham renda de até 1 salário mínimo (R\$ 937,00).

Tabela 1 – Perfil bio-sociodemográfico e econômico de universitários brasileiros e internacionais

recém-ingressos na Universidade. Redenção-CE, Acarape-CE, Brasil, 2017

Variáveis	Universitários	
	Brasileiros	Internacionais
	n (%)	n (%)
Sexo	n = 101	n = 30
Feminino	44 (43,6)	5 (16,7)
Masculino	57 (56,4)	25 (83,3)
Idade	n = 100	n = 30
17 a 20	69 (69,0)	6 (20,0)

21 a 29	23 (23,0)	22 (73,3)
30 a 64	8 (8,0)	2 (6,7)
Estado civil	n = 99	n = 27
Solteiro (a) com parceira (o) eventual	61 (61,7)	19 (70,4)
Solteiro (a) com parceira (o) fixa (o)	32 (32,3)	8 (29,6)
Casado (a) ou em união estável	5 (5,0)	-
Divorciado (a)	1 (1,0)	-
Escolaridade do pai	n = 92	n = 30
Não alfabetizado	6 (5,9)	4 (13,3)
Ensino fundamental incompleto	30 (29,7)	6 (20,0)
Ensino fundamental completo	18 (17,8)	3 (10,0)
Ensino médio incompleto	3 (3,0)	1 (3,3)
Ensino médio completo	22 (21,8)	5 (16,7)
Ensino superior incompleto	6 (5,9)	2 (6,7)
Ensino superior completo	7 (6,9)	6 (20,0)
Pós-graduado	-	1 (3,3)
Não sabe	9 (9,0)	2 (6,7)
Escolaridade da mãe	n = 99	n = 29
Não alfabetizada	3 (3,0)	7 (24,1)
Ensino fundamental incompleto	32 (32,3)	5 (17,2)
Ensino fundamental completo	8 (8,1)	3 (10,3)
Ensino médio incompleto	7 (7,1)	1 (3,3)
Ensino médio completo	29 (29,3)	7 (24,1)
Ensino superior incompleto	2 (2,1)	2 (7,0)
Ensino superior completo	12 (12,1)	2 (7,0)
Pós-graduada	3 (3,0)	-
Não sabe	3 (3,0)	2 (7,0)
Renda familiar mensal*	n = 100	n = 14
Até 1 salário mínimo	48 (48,0)	9 (64,3)
Acima de 1 até 2 salários mínimos	30 (30,0)	2 (14,3)

Acima de 2 até 3 salários mínimos	10 (10,0)	-
Acima de 3 até 5 salários mínimos	6 (6,0)	-
Acima 5 até 10 salários mínimos	3 (3,0)	1 (7,1)
Sem rendimento	3 (3,0)	2 (14,3)

*A renda familiar foi calculada com base no salário mínimo brasileiro no momento em que o estudo foi conduzido (R\$ 937,00). Para os universitários internacionais, foi feita a conversão da moeda de seu país para a moeda brasileira.

Com relação à prática de atividade física, houve um maior percentual de universitários internacionais que realizavam algum tipo de atividade física (70,0%) em relação aos universitários brasileiros (43,6%). Dentre os estudantes que praticavam exercícios físicos, uma grande parcela dos participantes internacionais jogava futebol (68,4%), enquanto que 29,5% dos participantes brasileiros faziam musculação. Quanto à frequência das atividades, 26,5% dos universitários brasileiros e 52,1% dos internacionais afirmaram praticá-las duas vezes por semana (Tabela 2).

No que diz respeito ao hábito de fumar, a maioria dos estudantes pesquisados não fumava. Em relação ao consumo de bebida alcoólica, 63,4% dos universitários brasileiros e 50,0% dos internacionais não tinham esse hábito. Quanto a sua frequência, 51,3% dos universitários brasileiros e 28,6% dos internacionais ingeriam bebida alcóolica esporadicamente.

Tabela 2 – Estilo de vida de universitários brasileiros e internacionais recém-ingressos na Universidade. Redenção-CE, Acarape-CE, Brasil, 2017

Variáveis	Universitários	
	Brasileiros	Internacionais
	n (%)	n (%)
Prática de atividade física	n = 101	n = 30
Sim	44 (43,6)	21 (70,0)
Não	57 (56,4)	9 (30,0)
Hábito de fumar	n = 101	n = 30
Sim	3 (3,0)	1 (3,3)
Não	98 (97,0)	29 (96,7)

Consumo de bebida alcoólica	n = 101	n = 30
Sim	37 (36,6)	15 (50,0)
Não	64 (63,4)	15 (50,0)
Frequência de ingestão de bebida alcoólica	n = 37	n = 14
Semanalmente	10 (27,0)	5 (35,7)
Mensalmente	8 (21,7)	5 (35,7)
Esporadicamente	19 (51,3)	4 (28,6)

Quando avaliada a relação entre idade e estilo de vida, houve uma associação significativa entre ser universitário brasileiro maior de 18 anos e não praticar atividade física ($p = 0,02$). Quanto aos estudantes internacionais, não foi observada associação significativa entre idade e prática de atividade física, hábito de fumar e consumo de bebida alcoólica. Quando considerado o total de participantes, o resultado foi semelhante ao obtido com os universitários internacionais (Tabela 3).

Tabela 3 – Relação entre idade e estilo de vida dos universitários brasileiros e internacionais recém-ingressos na Universidade. Redenção-CE, Acarape-CE, Brasil, 2017

Variáveis	Universitários brasileiros						Valor de P
	Prática de atividade física ^a		Hábito de fumar ^b		Consumo de bebida alcoólica ^a		
	(%)		(%)		(%)		
	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	
Idade							
≤ 18 anos	58,8	41,2	-	100	38,2	61,8	$p > 0,05$
> 18 anos	34,8	65,2*	4,5	95,5	36,4	63,7	
	Universitários internacionais						Valor de
	Prática de		Hábito de		Consumo de		

Variáveis	atividade física ^b		fumar ^c		bebida alcóolica ^b		P
	(%)		(%)		(%)		
	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	
Idade							
≤ 18 anos	-	-	-	-	-	-	p = 1
> 18 anos	70,0	30,0	3,3	96,7	50,0	50,0	

Universitários brasileiros e internacionais							
Variáveis	Prática de atividade física ^b		Hábito de fumar ^a		Consumo de bebida alcóolica ^b		Valor de P
	(%)		(%)		(%)		
	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	
Idade							
≤ 18 anos	58,8	41,2	-	100	38,2	61,8	p>0,05
> 18 anos	45,8	54,2	4,2	95,8	40,6	59,4	

^aTeste exato de *Fisher*; ^bTeste Qui-quadrado; ^cTeste inválido; *P = 0,02.

Quanto à associação entre renda familiar e estilo de vida, não foi observada relação significativa dessas variáveis entre os universitários brasileiros e internacionais e o total de participantes (Tabela 4) (p>0,05).

Tabela 4 – Relação entre renda familiar e estilo de vida de universitários brasileiros e internacionais recém-ingressos na Universidade. Redenção-CE, Acarape-CE, Brasil, 2017

Universitários brasileiros							
Variáveis	Prática de atividade física ^b		Hábito de fumar ^a		Consumo de bebida alcóolica ^b		Valor de P
	(%)		(%)		(%)		
	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	

	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	
Renda familiar							
≤ 1 Salário mínimo	37,2	63,0	5,9	94,1	35,3	64,7	p>0,05
> 1 Salário mínimo	49,0	51,0	-	100	36,7	63,3	
Universitários internacionais							
Variáveis	Prática de atividade física ^a		Hábito de fumar ^a		Consumo de bebida alcoólica ^a		Valor de P
	(%)		(%)		(%)		
	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	
Renda familiar							
≤ 1 Salário mínimo	90,9	9,1	-	100	72,7	27,3	p>0,05
> 1 Salário mínimo	100	-	-	100	100	-	
Universitários brasileiros e internacionais							
Variáveis	Prática de atividade física ^b		Hábito de fumar ^a		Consumo de bebida alcoólica ^b		Valor de P
	(%)		(%)		(%)		
	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	
Renda familiar							
≤ 1 Salário mínimo	46,8	53,2	4,8	95,2	41,9	58,1	p>0,05
> 1 Salário mínimo	51,9	48,1	-	100	40,4	59,6	

^aTeste exato de *Fisher*; ^bTeste Qui-quadrado.

DISCUSSÃO

Esse estudo foi o primeiro a associar aspectos biológicos, demográficos e econômicos com estilo de vida de estudantes brasileiros e estrangeiros recém-ingressos em uma universidade de cunho internacional, localizada em municípios cearenses.

O maior número de participantes brasileiros frente aos internacionais pode ser compreendido se considerado que, embora a universidade, onde o estudo foi conduzido, seja de cunho internacional, ela tem e recebe um maior quantitativo de estudantes brasileiros. Segundo dados da própria instituição de ensino superior, a forma de ingresso do estudante brasileiro envolve o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), nas modalidades do Sistema de Seleção Unificada (SiSU), e SISURE (Sistema de Seleção Utilizando os Resultados do ENEM)/remanescentes, dentre outros, enquanto que, para os estudantes internacionais da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), esse processo envolve apenas uma seleção de estudantes estrangeiros (Unilab, 2017). Pode-se supor ainda que a menor participação de estudantes internacionais resulte do processo natural e progressivo de adaptação, ao qual esses estudantes estão susceptíveis, limitando a sua socialização.

No que se refere a maior participação de universitários do Curso de Enfermagem, é possível que esse fenômeno tenha ocorrido pela facilidade de acesso a esses estudantes, já que a presente pesquisa foi conduzida por acadêmicos do respectivo curso.

Nesse estudo, o predomínio de universitários do sexo masculino, tanto entre os brasileiros quanto os internacionais, pode ser um reflexo do perfil dos estudantes que constituem a maior parte dos cursos incluídos nessa pesquisa (Lombardi, 2010; Cavali; Meghioratti, 2018). Em relação à nacionalidade, o maior número de guineenses entre os participantes internacionais pode decorrer do fato de serem eles a nacionalidade mais abundante dentre às demais na UNILAB, exceto a brasileira (Unilab, 2017). Esse dado corrobora com a realidade vivenciada pelos programas de incentivo à formação profissional de estudantes africanos nas universidades brasileiras, os quais recebem principalmente jovens provenientes de Cabo Verde e Guiné-Bissau (Souza, 2017).

No tocante ao predomínio de universitários brasileiros com 19 anos, esse dado pode ser um reflexo do maior ingresso de jovens em universidades federais públicas brasileiras, de acordo com a pesquisa da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições de Ensino Superior (ANDIFES) (Brasil, 2011). Esse fenômeno pode estar associado ao aumento significativo, proporcionado por governos federais anteriores, dos recursos destinados às universidades públicas, criando universidades e ampliando o número de vagas ofertadas nas já existentes, o que pode ter favorecido a entrada de jovens nessas instituições (Silva; Castro, 2014; Ferreira; Santos, 2018).

Quanto ao predomínio de estudantes internacionais com 23 anos, quando comparado aos participantes brasileiros, foi perceptível o ingresso mais tardio dos primeiros na UNILAB. Esse ocorrido pode resultar de uma maior dificuldade no acesso ao ensino superior desses estudantes em seu país de origem, assim como da retenção do estudante na escola de seu país, pela fragilidade do ensino, como consequência da incompatibilidade entre a língua oficial, instituída nas escolas, e a falada (Namone; Timbane, 2017). Essa retenção pode decorrer ainda do absenteísmo de professores (Mashaba; Maile, 2018; Obiero; Mwebi; Nyang'ara, 2017).

Sobre a prevalência de estudantes solteiros, com parceira eventual, esse comportamento pode ser justificado se considerado que o meio universitário possibilita a expressão da sexualidade do jovem estudante, especialmente por expô-lo a novas experiências (Borges et al., 2015). Esse dado corrobora com Guimarães et al. (2017) e Brito et al. (2016), os quais mostraram um maior número de universitários brasileiros solteiros em seus estudos. Especificamente, para os estudantes internacionais, supõem-se que a condição a que são submetidos, ausentando-se do meio familiar e país de origem para uma formação profissional mais adequada no Brasil, favorece o deslocamento de indivíduos solteiros, colaborando para o estabelecimento de relações sexuais instáveis.

Em relação ao grau de escolaridade dos pais e mães dos universitários brasileiros, o reduzido nível de instrução apresentado por eles divergiu do observado em pesquisa realizada no Brasil, a qual mostrou que 60% dos pais e 68% das mães apresentavam pelo menos o ensino médio (Brasil, 2011). Essa discrepância foi também observada entre universitários beneficiados e não beneficiados pelo Programa de Ação Afirmativa e Inclusão Social. Segundo os dados, para os estudantes ingressos via Programa, a escolaridade predominante entre os pais correspondeu até o ensino médio, enquanto que, para os não beneficiados, houve um predomínio do ensino superior (Pires; Wargass, 2019).

Com relação aos estudantes internacionais, os resultados não permitiram estabelecer a escolaridade predominante de seus pais, já que houve igual quantitativo de pais e mães com maior ou menor grau de instrução. Esse fenômeno pode refletir a desigualdade educacional vivenciada pela população africana, com alguns tendo acesso a uma melhor escolarização pelo maior poder de compra (Babalola, 2018).

No que diz respeito à profissão do pai, o predomínio da prática da agricultura pelos pais de estudantes internacionais não foi inesperado, já que a literatura afirma que uma grande parcela da

população economicamente ativa da CPLP dedica-se a essa atividade, exceto os brasileiros, cabo verdianos e portugueses (Food and Agriculture Organization of the United Nations - FAO, 2012). De fato, a agricultura é considerada uma das principais atividades econômicas para os países da CPLP (Ine, 2013). Para os estudantes brasileiros, é possível que o maior quantitativo de pais agricultores resulte da localização interiorana da universidade na qual o estudo foi conduzido. Sobre a profissão da mãe, o destaque para a atividade do lar pode ser entendido se considerado o papel que ela representa no ambiente familiar.

No tocante à baixa renda familiar apresentada pelos participantes, esse achado pode decorrer das políticas sociais estabelecidas pelo governo brasileiro, a partir dos anos 2000 (Pires; Wargass, 2019). Realmente, a implementação da Lei nº 12.711/2012, sancionada em agosto de 2012, estabelece que 50% das vagas das universidades e instituições federais devem ser destinadas a estudantes oriundos integralmente do ensino médio público, cuja renda familiar bruta atinge um valor igual ou inferior a 1,5 salários mínimos (Brasil, 2012).

Essa suposição é reforçada ao se observar o estudo de Carvalho e Jezine (2016), no qual os autores demonstraram um aumento de 34,9%, em 2008, para 58,4%, em 2013, de estudantes ingressantes, com renda familiar de até dois salários mínimos, após a instituição das diretrizes da política de ação afirmativa. Contudo, os autores destacaram o receio quanto à permanência e conclusão do curso superior para esses estudantes em condições de vulnerabilidade.

Corroborando com esses resultados, pesquisa realizada com 306 universitários da cidade de Teresina, com idade entre 19 e 35 anos, mostrou que 32,5% dos participantes tinham renda familiar de 1 a 3 salários mínimos (Souza et al., 2013). Outros autores mostraram renda semelhante entre estudantes de uma universidade federal da Bahia (Brito; Gordia; Quadros, 2016).

No tocante à prática de atividade física, foi constatado um maior número de participantes internacionais que realizava exercício físico frente ao número de estudantes brasileiros. Esse maior quantitativo entre os estudantes internacionais pode se justificar pelo estilo de vida ativo, adotado pelas populações africanas, muitas vezes necessário para as práticas de atividades de subsistência (Benefice et al., 2001a; 2001b; Saranga et al., 2008). Ainda, o predomínio do futebol como atividade física entre os estudantes internacionais pode ser compreendido se concebido que o espaço físico destinado à agricultura pode ser utilizado para a prática do futebol (Ferreira, 2016).

Quanto aos estudantes brasileiros, foi observada uma baixa adesão à prática de exercício físico, especialmente pelos maiores de 18 anos, fenômeno também constatado por Alves (2011) e Santos et al. (2014). Com base na literatura, essa reduzida prática de atividade física pode resultar da atuação de fatores pessoais (como medo, preguiça e falta de tempo), ambientais (como falta de local, equipamento e condições adequadas) e socioculturais (como conservadorismo e influência negativa do meio) (Drambos et al., 2011; Nascimento et al., 2017).

Quando avaliadas as atividades físicas realizadas pelos participantes brasileiros, a musculação foi a que se sobressaiu, superando, inclusive, a prática do futebol. Corroborando com esse resultado, estudo de Alves (2011) mostrou um maior percentual de estudantes que praticavam atividades físicas não-competitivas, como caminhada, musculação, dança, ginástica e hidroginástica, em detrimento do exercício de esportes, como futebol, futsal, vôlei, natação, luta e tênis. É possível que o maior predomínio da musculação entre as modalidades praticadas pelos estudantes brasileiros seja uma consequência da preocupação atual com a imagem corporal (Brito et al., 2018; Silva et al., 2018)

No que diz respeito à frequência de atividade física, os estudantes internacionais se destacaram entre os que praticavam duas vezes por semana, enquanto os brasileiros se sobressaíram no exercício diário. A regularidade apresentada por cada um dos grupos pode estar relacionada ao tipo de atividade exercida por cada um deles. De fato, o futebol pode limitar a sua frequência ao final de semana, enquanto a musculação permite uma periodicidade maior durante a semana. Entretanto, vale ressaltar que, segundo o Ministério da Saúde do Brasil, a prática de atividade física leve ou moderada deve ser de pelo menos 30 minutos diários, por no mínimo 5 dias, e, para exercícios de maior intensidade, essa atividade deve ser feita por 20 minutos diários, por no mínimo 3 dias.

Com base nesses achados, percebe-se claramente que o ingresso à universidade interfere na realização e frequência de atividade física pelo estudante, o que, segundo Keller et al. (2011), agrava-se com o decorrer da graduação. Entretanto, essa atitude pode prejudicar o indivíduo, já que a atividade física reduz os riscos de desenvolvimento de doenças crônicas e obesidade, colabora para o bem-estar físico e emocional e melhora a qualidade de vida (Nogueira et al., 2016).

Diante dessa realidade, torna-se essencial a realização de estratégias voltadas para esse público com o intuito de promover o exercício físico, tendo em vista que a prática regular de

atividade física pode proporcionar diversos benefícios à saúde, a curto, médio e longo prazo (Silva; Júnior, 2011). Em termos práticos, poderiam ser construídos ambientes dentro das universidades que possibilitassem a prática esportiva. Com a criação desses espaços, seriam reduzidas algumas dificuldades que interferem na adesão ao exercício físico, como a falta de tempo e dinheiro (Oliveira et al., 2014).

Além das alterações vivenciadas pelos universitários na realização de atividade física e, conseqüentemente, no estilo de vida, outras mudanças comportamentais, psicológicas e de hábitos podem interferir no modo de vida do estudante. De fato, ele está mais susceptível ao desenvolvimento de estresse, consumo de substâncias psicoativas, tabagismo e alimentação inadequada (Bomfim et al., 2017).

Apesar dessa vulnerabilidade, mais da metade dos estudantes brasileiros e metade dos internacionais afirmaram não fazer uso de bebida alcoólica. Quanto ao hábito de fumar, foi inesperado o fato de que a maioria dos universitários brasileiros e internacionais não tinha esse hábito. Esses resultados se opõem ao de Martins et al. (2012), Valério et al. (2016) e Silva et al. (2015).

No que se refere ao consumo de bebida alcoólica, pode-se supor que, por serem recém-ingressos à universidade, os motivos que favorecem esse hábito ainda não são vivenciados. Realmente, os jovens universitários se tornam susceptíveis em decorrência de fatores, como: distanciamento da família pela necessidade de residir sozinho ou com amigo; aumento do senso de responsabilidade e momentos de estresse; incentivo do consumo pelos amigos e participação em festas; fácil acesso e baixo custo (Filho et al., 2012).

É possível ainda que esse fenômeno ocorra como consequência da adoção, pelo governo brasileiro, de medidas de controle para o consumo de bebidas alcólicas. Essas compreendem: elevação de impostos, instituição de programas e medidas educativas, implementação de leis e outras (Munhoz et al., 2017).

Corroborando com o achado de que metade dos estudantes internacionais ingeria bebida alcoólica, estudo conduzido com jovens subsaarianos revelou um número significativo de jovens que já tinham consumido ou consumiam álcool (Luginaah; Dakubo, 2003). Pesquisas posteriores mostraram um quantitativo expressivo de adolescentes zambianos (WHO, 2004) e jovens ganenses (Osei-Bonsu et al., 2017) que ingeriam esse tipo de bebida. Apesar desses dados, a

literatura menciona que o consumo de bebida alcóolica pelos africanos se assemelha a outros países (Adu-Mireku, 2003).

Nesse contexto, torna-se importante mencionar que o continente africano é visto pela indústria de bebidas alcólicas, assim como por pesquisadores de mercado, como um importante e crescente área de comércio para esse tipo de mercadoria (Ferreira- Borges; Parry; Babor, 2017). Entretanto, o consumo de álcool é heterogêneo entre os países africanos, com elevada ingestão no sul e menor consumo no norte da África (WHO, 2014).

Quanto ao hábito de fumar, os estudos mostram um baixo consumo de tabaco entre acadêmicos, seja como fumante ativo, diário ou ocasional (Rosa et al., 2014; Stramari et al., 2009; Ferraz et al., 2017; Guimarães et al., 2017). Reforçando esse dado, a Pesquisa Nacional de Saúde, realizada em 2013, apontou uma prevalência de apenas 15% de usuários de tabaco entre a população brasileira, especialmente em uma faixa etária superior a aqui estudada (40 a 59 anos) (Malta et al., 2015). A importância dessa informação reside no fato de que o tabaco mata anualmente 200 mil brasileiros e mais de 5 milhões de pessoas no mundo (WHO, 2010).

É possível que o reduzido número de participantes que fumava seja uma consequência da adesão do Brasil à Convenção - Quadro para Controle de Tabaco, de 2005. Em decorrência dessa participação, leis foram implementadas limitando o ato de fumar em locais coletivos, bem como propagandas e promoção de cigarros e produtos similares foram abolidas e políticas tributárias sobre o fumo foram instituídas (INCA, 2014).

No âmbito dos países africanos, a prevalência do consumo de tabaco é baixa em muitos deles. Entretanto, o crescimento das economias e o aumento do número de multinacionais que comercializam o tabaco no continente africano podem colaborar para a elevação do seu consumo entre esses povos (Husain et al., 2016).

CONCLUSÃO

A partir dos resultados obtidos, pode-se concluir a maior prevalência de estudantes brasileiros e guineenses, jovens e solteiros foi acompanhada por um estilo de vida adequado, especialmente entre os estudantes internacionais. Entretanto, entre os brasileiros maiores de 18 anos, a prática de atividade física foi insatisfatória.

Diante dos dados obtidos nessa pesquisa, podem-se fomentar debates e ações no ambiente universitário e seu entorno sobre as temáticas investigadas, com o intuito de prevenir doenças e

manter a saúde dos universitários. Sugere-se que sejam feitos mais trabalhos futuros envolvendo essa população.

REFERÊNCIAS

- AIELLO BOMFIM, Rafael et al. Fatores associados ao estilo de vida fantástico de universitários brasileiros-uma análise multinível. **Revista CEFAC**, v. 19, n. 5, 2017.
- AUDI, Celene Aparecida Ferrari et al. Inquérito sobre condições de saúde de mulheres encarceradas. **Saúde em Debate**, v. 40, p. 112-124, 2016.
- BABALOLA, Shade. Inequalities within Nigeria's Education System: A Focus on Secondary Schools in Lagos, Ondo State and Ogun State. **Bulgarian Comparative Education Society**, 2018.
- BRASIL, Vigitel et al. Vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico. **Brasília: Ministério da Saúde**, v. 132, 2012.
- BRASILEIROS: UMA REVISÃO DA LITERATURA. **Revista de Atenção à Saúde (antiga Rev. Bras. Ciên. Saúde)**, v. 12, n. 42, 2014.
- BRITO, Bruno JQ; GORDIA, Alex P.; QUADROS, Teresa MB. Estilo de vida de estudantes universitários: estudo de acompanhamento durante os dois primeiros anos do curso de graduação. **Medicina (Ribeirão Preto)**, v. 49, n. 4, p. 293-302, 2016.
- CAVALLI, Mariana Bolake; MEGLHIORATTI, Fernanda Aparecida. A participação da mulher na ciência: um estudo da visão de estudantes por meio do teste DAST. **ACTIO: Docência em Ciências**, v. 3, n. 3, p. 86-107, 2018.
- DA SILVA, Josielle Soares; CASTRO, Alda Maria Duarte Araújo. Políticas de expansão para o ensino superior no contexto do REUNI: a implementação do programa na UFRN. **HOLOS**, v. 6, p. 206-224, 2014.
- DA SILVA, Priscila Oliveira et al. Relação da composição corporal e a percepção da imagem em mulheres praticantes de musculação. **RBONE-Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento**, v. 12, n. 76, p. 1056-1066, 2019.
- DE BRITO, Cynthia Lossio et al. Consumo alimentar de indivíduos que frequentam academia de musculação. **RBNE-Revista Brasileira de Nutrição Esportiva**, v. 12, n. 75, p. 929-935, 2018.
- DE SOUZA OLIVEIRA, Cristiano et al. ATIVIDADE FÍSICA DE UNIVERSITÁRIOS
- DE SOUZA, Lorena Francisco. ESTUDANTES AFRICANOS EM UNIVERSIDADES GOIANAS: ACORDOS DE COOPERAÇÃO, MIGRAÇÃO E RACISMO. **Terra Livre**, v. 1, n. 48, p. 13-45, 2018.
- DOS CAMPI DA UFF EM VOLTA REDONDA. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, v. 14, n. 1, 2018.
- DOS SANTOS, Jefferson Jovelino Amaral et al. Estilo de vida relacionado à saúde de estudantes universitários: comparação entre ingressantes e concluintes. **ABCS Health Sciences**, v. 39, n. 1, 2014.

FERREIRA, André; SANTOS, Edson Almeida. EXPANSÃO DA UNIVERSIDADE PÚBLICA E O SEU IMPACTO NA ECONOMIA LOCAL: MICROEVIDÊNCIAS DA AMPLIAÇÃO GUERRA, Fernando Marcos Rosa Maia et al. Consumo de tabaco entre universitários: uma revisão sistemática Tobacco consumption among college students: a systematic review. **Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online**, v. 9, n. 2, p. 558-565, 2017.

GUIMARÃES, Mayla Rosa et al. Estilo de vida e fatores associados entre estudantes universitários. **Rev. enferm. UFPE on line**, v. 11, n. supl. 8, p. 3228-3235, 2017.

KELLER, B. et al. Qualidade de vida e nível de atividade física de universitários do curso de educação física da Universidade Federal do Paraná. **Rev Digital**, v. 16, p. 156, 2011.

LOMBARDI, Maria Rosa. Engenheiras brasileiras: inserção e limites de gênero no campo profissional. **Cadernos de pesquisa**, v. 36, n. 127, p. 173-202, 2006.

LORANT, V.; NICAISE, P.; SOTO, V. E.; D'HOORE, W. Alcohol drinking among college students: college responsibility for personal troubles.

MADEIRA, Francilene Batista et al. Estilos de vida, habitus e promoção da saúde: algumas aproximações. **Saúde e Sociedade**, v. 27, p. 106-115, 2018.

MARQUES, Lidia Audrey Rocha Valadas et al. Abuso de drogas e suas consequências na saúde oral: uma revisão de literatura. **Arquivo Brasileiro de Odontologia**, v. 11, n. 1, p. 26-31, 2015.

NAMONE, Dabana; TIMBANE, Alexandre António. Consequências do ensino da língua portuguesa no ensino fundamental na Guiné-Bissau 43 anos após a independência. **Mandinga-Revista de Estudos Linguísticos (ISSN: 2526-3455)**, v. 1, n. 1, p. 39-57, 2017.

NASCIMENTO, Tiago; ALVES, Felipe; SOUZA, Evanice. Barreiras percebidas para a prática de atividade física em universitários da área da saúde de uma instituição de ensino superior da cidade de Fortaleza, Brasil. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, v. 22, n. 2, p. 137-146, 2017.

OBIERO, E. O.; MWEBI, B. R.; NYANG'ARA, N. M. Factors Influencing Teacher Absenteeism in Public Secondary Schools in Borabu Sub-County, Kenya.

PIRES, André; DA SILVA WARGAS, Bruna Mara. Acesso ao ensino superior brasileiro: perfil dos ingressantes do programa de inclusão da Unicamp. **Revista Espaço Pedagógico**, v. 26, n. 1, p. 158-182, 2019.

RODRIGUES BORGES, Maritza et al. Comportamento sexual de ingressantes universitários. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online**, v. 7, n. 2, 2015.

RODRIGUES, Elizângela Sofia Ribeiro; CHEIK, Nadia Carla; MAYER, Anamaria Fleig. Nível de atividade física e tabagismo em universitários. **Revista de Saúde Pública**, v. 42, p. 672-678, 2008.

SALAZAR-TORRES, Isabel C. et al. Evaluación de las conductas de salud en jóvenes universitarios. **Revista de Salud Pública**, v. 12, p. 599-611, 2010.

SILVA, Diego Augusto Santos et al. Associação do sobrepeso com variáveis sócio-demográficas e estilo de vida em universitários. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 16, p. 4473-4479, 2011.

WORLD HEALTH ORGANIZATION et al. Global status report on alcohol 2004. 2004.
WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Guidelines for drinking-water quality**. World Health Organization, 2004.